

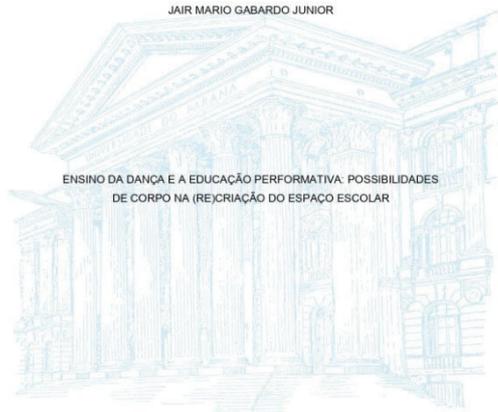
## DANÇA, UTOPIA E A EDUCAÇÃO BÁSICA: O QUE PODE O CORPO NA ESCOLA?

## DANCE, UTOPIA, AND BASIC EDUCATION: WHAT CAN THE BODY DO IN SCHOOL?

Lui Martins dos Reis<sup>1</sup>

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JAIR MARIO GABARDO JUNIOR



Sobre GABARDO JÚNIOR, Jair Mario. **Ensino da Dança e a Educação Performativa: possibilidades de corpo na (re)criação do espaço escolar**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 165 f. 2020.

CIDADE  
2020

**Resumo:** Resenha-crítica da dissertação do professor doutor Jair Mario Gabardo Junior, intitulada “Ensino da Dança e a Educação Performativa: possibilidades de corpo na (re)criação do espaço escolar”. A partir do prisma conceitual da Educação Performativa, a dissertação apresenta reflexões sobre as potencialidades encarnadas do corpo e da Dança dentro da escola.

**Palavras-chave:** Corpo. Educação Performativa. Dança. Performance.

**Abstract:** Critical review of the dissertation by professor Dr. Jair Mario Gabardo Junior, titled "Dance Teaching and Performative Education: possibilities of the body in the (Re)creation of the school space." Based on the conceptual prism of Performative Education, the dissertation offers reflections on the embodied potentials of the body and Dance within the school.

**Keywords:** Body. Performative Education. Dance. Performance.

<sup>1</sup> Lui Martins é Bacharel e Licenciado em Dança pela Universidade Estadual do Paraná, Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPR, formado em balé clássico pela Escola de Dança do Teatro Guaíra e participante ativo da Cena Ballroom Sul. Interessa-se, artisticamente, pela fusão entre visualidades e corporalidades sublimes e grotescas. Atualmente trabalha com produção cultural e cênica, tendo como enfoque produções feitas por e para a comunidade queer.

A dissertação do professor Dr. Jair Mario Junior Gabardo<sup>2</sup> é resultado de uma pesquisa qualitativa acerca das possibilidades do corpo e movimento dançado em relação aos rituais performativos impostos pelo espaço físico do Colégio Estadual Professora Luiza Ross, localizado no Boqueirão, bairro periférico da cidade de Curitiba Paraná. Este estudo se deu vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (PPGE-UFPR), dentro da linha de pesquisa Linguagem, Corpo e Estética na Educação (LICORES), orientado pela professora doutora Michelle Bocchi Gonçalves. Os campos teóricos apresentados como principais argumentos para suas reflexões são os Estudos da Performance, com principais teóricos referenciais Richard Schechner, Diana Taylor, Erving Goffmann e Victor Turner; a Pedagogia Crítica, a partir de Paulo Freire; e as intersecções entre tais campos, como a Pedagogia Crítico-Performativa (Elyse Pineau), Pedagogia da Performance (Marcelo de Andrade Pereira) e, principalmente, a Educação Performativa (Michelle Bocchi Gonçalves).

O texto divide-se em cinco grandes capítulos que serão sumariamente resumidos nesta resenha. Cada um desses capítulos é dividido em diversos subcapítulos e contêm figuras que dialogam com o texto e apresentam momentos advindos das atividades produzidas no ambiente escolar investigado, bem como intervenções digitais imagéticas que as colocam em relação à arquitetura escolar.

O primeiro capítulo, que ocupa uma função de prólogo, “Para movimentar a Performance e a Educação: sujeitos, contextos de pesquisa e papéis sociais aos passos de uma vivência performativa na escola” (p. 8-27), introduz os problemas-desejos de pesquisa e apresenta os subsequentes capítulos da obra, bem como os caminhos histórico-teóricos pelos quais a conceituação de Performance passou e sua inserção dentro de estudos acerca da Educação.

No segundo capítulo, “Em Permeações I – entre a Performance e a Educação: quais fronteiras nos interessam ultrapassar?” (p. 28-78), há um aprofundamento na descrição dos pressupostos dos Estudos da Performance, bem como uma mais detalhada aproximação das afluições dos Estudos da Performance com o campo da Educação, que culminam na construção do conceito de Educação Performativa. Para tal aproximação, o corpo enquanto elemento fundante de um pensar-produzir sobre

---

<sup>2</sup> Nota dos editores: Embora a resenha trate da sua dissertação, o professor Jair Gabardo é Doutor Educação pela Universidade Federal do Paraná, UFPR, Brasil.

performance, é conceituado a partir de Elyse Pineau - corpo ideológico, etnográfico e performático/atuante; os rituais escolares são entendidos com o suporte de Peter McLaren, que os aponta enquanto minúcias da vida escolar que carregam camadas ideológicas repletas de símbolos culturais, trazendo em si capacidades reprodutoras mas, também, a potência de serem uma chave para a subversão.

O terceiro capítulo, “Em Permeações II - entre a Dança e o componente curricular de Arte: a presença da Dança *nas* escolas ou *para* as escolas?” (p. 79-105) delimita o contexto no qual o autor está investigando a Dança: enquanto componente curricular das aulas de Arte. A partir de Márcia Strazzacappa e Isabel Marques, a dissertação aponta a complexidade e singularidade dos saberes da Dança enquanto forma artística, bem como a carência de problematização e leituras acerca dela no Ensino Básico. Um importante assunto levantado neste capítulo, em diálogo com Ana Mae Barbosa, são as normativas referentes ao ensino da Arte na escola e suas consequências: há um breve histórico de como se deram as transformações no que se diz respeito à oficialização da Arte enquanto disciplina, com foco, sobretudo, nas ambiguidades emergentes na legislação dos últimos anos a qual “ignora a relevância do processo artístico escolar como forma de apreensão e atuação ativa desses sujeitos em suas mais variadas realidades” (p. 85).

Este notável capítulo culmina numa discussão sobre as formas como a Dança vem sendo experienciada dentro da escola, muitas vezes subjugada a festividades do calendário escolar, aos conhecimentos próprios da Educação Física ou fruída apenas através de passeios a teatros, sendo esta última uma atividade importante, mas que precisa ser contextualizada para que não gere um distanciamento do artista espetacular e do próprio fazer artístico enquanto extraordinário. Ao contrário, o autor afirma que dentro da perspectiva que busca, e a partir dos princípios da Educação Performativa:

A obra de dança que se cria na escola é, nesta perspectiva, a materialização das visibilidades dos sujeitos. A dança, seja ela processual – atividades de improvisação, células de movimentos – ou estruturada em coreografias, representa os sujeitos escolares em seu tempo real e concreto, a fim de produzir sentidos e significâncias diante dos símbolos que se encontram na cultura da escola. Por ser expressão dos sujeitos na escola, a dança envolve comportamentos restaurados, porque se faz consciência em si mesma no corpo que dança. Esse estado de consciência, como dito anteriormente, dá as ações dos sujeitos um caráter de performance.(...) O resistir desse dançar educacional abarca no movimento corporal a provocação de novos olhares para si e para a escola. Passa-se a sinalizar, com isto, que sua ocupação

corporal é para além do ir até a escola. Significa, igualmente, subverter as lógicas ainda não pensadas a respeito desse território. (GABARDO JUNIOR, 2020, p. 96)

O quarto capítulo, “Em Permeações III - pode o corpo mover (n)a escola?” (p. 106-146), reúne a metodologia, procedimentos e reflexões sobre aquilo que foi movido dentro da escola, neste estudo. O autor caracteriza sua pesquisa enquanto “uma experiência em Dança nas aulas do componente curricular de Arte para cinco turmas de 9º ano em período regular e matutino” (p. 116), envolvendo 153 sujeitos estudantes com idades entre 13 e 14 anos. Sua metodologia, intimamente conectada com o olhar da Educação Performativa, mostrou uma preocupação central para com uma ação didática dialética buscando a “humanização dos corpos, quer seja em sua singularidade, quer seja pelo intermédio das coletividades que se mostram possíveis de, por eles/elas, serem criadas dentro da escola” (p. 115). Ainda que o enfoque da descrição metodológica não seja pormenorizar as atividades dançadas dentro de sala, o autor brevemente nomeia alguns dos estímulos sugeridos como motores de um agir-dançar crítico e reflexivo:

(...) compreende-se as atividades de criação em dança embasadas em exercícios de aquecimento, estudo anatômico, processos de improvisação do movimento, elaboração de partituras coreográficas e jogos teatrais. Os fatores do movimento entram didaticamente nessas circunstâncias como um jeito de aprender a olhar o gesto do corpo que dança e as nuances das suas variadas formas de expressão. Sugere-se, então, a possibilidade de aprender uma leitura da dança para além das narrativas dadas, por meio de um olhar apurado sobre como pode um corpo se mover em sala de aula e fora dela, nas descobertas particulares e nas interações coletivas. (GABARDO JÚNIOR, 2020, p. 124).

É também neste capítulo que o autor assume nitidamente sua posição de sujeito participante e testemunha dos eventos que descreve, e traz sua trajetória enquanto artista bailarino como importante fator que o impulsiona nesta pesquisa. Compartilhar com os discentes seu repertório corporal e memórias em mídias visuais e audiovisuais constituiu-se como procedimento de aproximação para com os alunos. Ao revelar o corpo do professor, que integra o coletivo escolar, como um corpo do fazer artístico, há uma compreensão da multiplicidade dos papéis sociais performado por um mesmo sujeito. A pergunta central que inicia e continua enquanto estímulo para os atravessamentos propostos na sala é “o que pode mover o meu corpo na escola?”,

inaugurando uma série de respostas metaestáveis que revelam as “representações do papel social do performer estudante em diálogo direto com os rituais do cotidiano da escola e o movimentar do próprio corpo” (p. 117).

Dois exemplos muito pertinentes trazidos pelo autor são a associação direta do mover na escola à posição sentada, e o “migué” (p. 119), nas palavras de um dos alunos investigados, como uma forma de enganar a figura docente para sair da sala de aula e, só então, mover-se. Fica nítida a percepção do estudante para com a necessidade de ruptura dos rituais institucionalizados para que o corpo “possa”, dentro da escola; o sujeito se revela não só reprodutor de comportamentos restaurados, mas também propositor de novas maneiras de performar e abrir brechas a partir de gestos marginalizados que, ao serem acolhidos pelas lentes da Educação Performativa, caracterizam o corpo enquanto “espaço de tensões” e “espaço para mudanças possíveis” (p. 120).

Alguns outros detalhamentos referentes aos estímulos proporcionados aos estudantes participantes do estudo são feitos, ainda no quarto capítulo. Destacam-se o toque e as práticas que acessam o papel de criador-intérprete. O primeiro apresentou-se enquanto, além de ferramenta de mapeamento e reconhecimento das camadas múltiplas do corpo, um importante disparador de questionamentos corporificados sobre o toque entre dois sujeitos do sexo masculino e maneiras destes aprenderem a escutar e respeitar sujeitos do sexo oposto (p. 126). Já a aproximação para com o conceito de criador-intérprete desvela possibilidades de um dançar conectado aos interesses do sujeito, enfatizando a “singularidade autoral dos seus modos de fazer-pensar a sua dança” (p. 130).

Diante de muitas materialidades construídas ao longo do percurso de pesquisa, Gabardo recorta o videodança “Galera do 9º ano A” para minuciosamente descrever enquanto percurso criativo. O autor enfatiza a aproximação dos alunos com os materiais de outras turmas como um relevante momento de fruição e aprendizado para com as escolhas estéticas dos outros sujeitos, que refletem valores sociais e políticos debatidos e acolhidos por uma coletividade. A maneira como Gabardo se descreve enquanto orientador do processo e, portanto, presente no momento de gravação dos vídeos de cada grupo reforça o cuidado e responsabilidade para com o trabalho na escola, entendendo-o como importante e, portanto, comunicando aos alunos sua relevância enquanto sujeitos políticos, sociais e criativos. No entanto, ele demonstra a grandeza de

reconhecer que, mesmo considerando sua relevância dentro da trajetória da atividade, em momentos de sua ausência há novas formas igualmente frutíferas de organização criativa por parte do alunado:

(...) oferecer espaços de criação sem a presença permanente do professor envolve a possibilidade de estabelecer novos combinados, pelos quais os/as estudantes são responsáveis por suas formas de interação com os conteúdos da arte e coparticipantes daquilo que está sendo proposto na produção do conhecimento.” (GABARDO JUNIOR, 2020, p. 137).

Para concluir tal capítulo, o autor apresenta o videodança de um de seus grupos de trabalho, composto exclusivamente por meninos que dançam na quadra de futebol da escola. A escolha feita por esses alunos foi desestabilizadora por ocupar um espaço tradicionalmente identificado com os ideais da masculinidade hegemônica – o campo de futebol – com a dança, socialmente entendida como apropriada e direcionada aos corpos femininos. A análise desse acontecimento, entendido como possibilidade de ressignificação de um espaço territorial escolar, evidencia que:

Seus corpos atualizam e transformam suas memórias, experiências e os repertórios individuais e coletivos. A dança na quadra de futebol pode ser pensada como condutas ou sequências bem-sucedidas, as quais, separadas e conscientes destes sujeitos, reorganizam as lógicas dos seus comportamentos em gesto dançado. (Gabardo Junior, 2020, p. 146)

O último capítulo, “Constantes Permeações” (p. 147-153), que toma a função de epílogo (não) conclusivo, além de brevemente se aproximar dos assuntos trabalhados nos capítulos iniciais, resgata o corpo e sua condição atualizante da cultura, características centrais dos Estudos da Performance, para revisitar a potencialização das necessidades reais dos sujeitos escolares a partir de um educar cujo protagonismo reside na presença e produção crítica de sentidos na existência de estudantes e educadores, para que “juntos se postulem como coletividade identitária e performática” (p. 151).

A dissertação do Dr. Jair Gabardo constitui-se não somente num esforço de ampliação dos conhecimentos acadêmicos acerca da Educação Performativa e seus diálogos com a Dança na escola, mas revela-se uma obra repleta de munção eficaz para a defesa da presença da Arte enquanto campo do conhecimento essencial dentro da

Educação Básica. Entendem-se tais argumentações enquanto extremamente necessárias, tendo em vista os ataques às disciplinas de cunho sociológico, político, investigativo e reflexivo que vêm acontecendo no Brasil e ainda mais nitidamente na educação pública no estado do Paraná. O detalhamento da análise sobre as formas como a dança (não) está sendo ensinada no ambiente escolar formal é primoroso ao trazer a diferenciação fundamental entre aquilo que é uma frutífera experimentação da dança enquanto linguagem artística em contraposição aos usos banais de uma dança “funcional” à mercê de outras disciplinas e assuntos.

Aposto, também, que as formas de aproximação para com os alunos são bastante inovadoras e configuram-se num frutífero material de referência para construir um ambiente propício à formação de cidadãos engajados e críticos, especialmente em relação à criação artística. Outros pesquisadores brasileiros atuais que trazem a performance em foco dentro da escola pública são Thiago Camacho Teixeira e Isabella Fernanda Santos. Ao ler a dissertação, também não pude deixar de pensar em como a estimada bell hooks seria uma grande adição à bibliografia, inclusive em se tratando de uma tentativa de trazer olhares diversos e interseccionais para a educação.

A construção do texto é um ponto a ser notado. Para uma dissertação tão preocupada com as formas de se acessar o corpo e contexto dos estudantes, até mesmo evocando Paulo Freire para evidenciar a importância política da aproximação dos saberes curriculares para com a experiência social, a linguagem usada soa um pouco rebuscada, paradoxalmente. Da mesma forma, há uma insistência quase circular em relação a alguns referenciais teóricos. Os capítulos que apresentam revisões bibliográficas (mais da metade da dissertação) poderiam ser mais sucintos. Tal caráter prolixo torna a experiência de ler a dissertação desnecessariamente extenuante, ainda mais tendo em vista que o capítulo o qual, de fato, aborda a prática em sala de aula – definitivamente um capítulo revigorante – inicia-se após a centésima página. A academia é um ambiente no qual tais escolhas talvez não sejam repreendidas, pois, afinal, há uma beleza canônica na contundência teórica com a qual o autor versa, mas cabe a reflexão sobre os discursos presentes também dentro dessas escolhas formais.

A pontuação feita acima não desmerece a grandeza do trabalho aqui analisado. A obra abraça uma honestidade radical ao assumir a primeira pessoa e desvelar o sujeito-pesquisador em seus desejos e história, num diálogo nítido do autor para com

sua pesquisa, de forma ética e responsável para com o percurso tecido ao longo do estudo.

Em consonância com o movimento encarnado de Jair Gabardo, desvelo minha presença de sujeito-corpo como autor desta resenha para finalizá-la da forma mais honesta que posso. O Dr. Jair Mario Gabardo Junior não é um corpo-cérebro distante, do qual me aproximo friamente a partir das palavras em sua bibliografia. Jair, que chamo “Gabardo” em grande parte deste texto, causando-me enorme desconforto, permeou minha vida desde minha adolescência, quando era meu professor de balé clássico. Naquele momento já mostrava seu prazer pelo movimento e uma incansável tentativa de tornar os ensaios de balé – usualmente restritivos e cheios de dogmas – espaços nos quais, além de rigor, cabem paixão e descontração. Nossos caminhos cruzaram-se novamente na graduação em Dança, quando ele foi meu orientador de Estágio Supervisionado, disponibilizando-se para discutir objetivos de planos de aula por horas, a qualquer momento, em qualquer plataforma disponível, pois estávamos no meio da pandemia de Covid-19. E agora, como meu admirado colega de pesquisa no Laboratório de estudos em educação, linguagem e teatralidades (Labelit), dentro da LICORES, constato a verdade de suas palavras em cada gesto performado no cotidiano do pesquisador, desde o gosto com o qual descreve sua vivência no “chão da escola” até o entusiasmo com o qual compartilha sua pesquisa em cada encontro que tem junto aos outros pesquisadores da linha.

Dentro da dissertação, Jair Gabardo afirma que “ir além soa quase uma utopia diante aos fatos históricos e na circunstância contemporânea” (p. 105), referindo-se ao contexto político extremamente desfavorável para a Educação, em especial no Paraná; mas afirmo que, se há um sujeito-professor que busca ir além, este é o autor da dissertação. Regozijo-me ao lembrar-me de sua presença no corpo docente na Universidade Estadual do Paraná, instituição formadora de futuros professores, pois a partir de seu trabalho, sua utopia torna-se vida nas escolas: antes por sua atuação direta, agora em sua pesquisa e compartilhamento de seu legado e paixão intensa pela construção de um mundo outro na e a partir da escola.

Recebido em: 11/07/2023    Aceito em: 29/11/2023